

**FACULDADE JESUÍTA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA – FAJE
REDE BRASILEIRA DE CENTROS E INSTITUTOS DE JUVENTUDE
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM JUVENTUDE NO MUNDO
CONTEMPORÂNEO**

**JUVENTUDE E RELIGIÃO
A BUSCA PELO TRANSCENDENTE**

MARIA DAS DORES AMÂNCIO

ORIENTADOR: LOURIVAL RODRIGUES DA SILVA

**Artigo apresentado ao Curso de Pós-graduação Lato Sensu
em Juventude no Mundo Contemporâneo como requisito
para grau de especialista.**

**GOIÂNIA
2011**

JUVENTUDE E RELIGIÃO A BUSCA PELO TRANSCENDENTE

Maria das Dores Amâncio¹

RESUMO

Frente à dinamicidade que envolve a religiosidade da juventude contemporânea, buscamos apreender neste estudo, o significado da religião e a sua influência no dia-a-dia das pessoas. A partir desse, abordando a questão da transcendência para compreender o que ela representa na sociedade atual e qual seu papel na vivência religiosa da categoria juvenil. Apresenta algumas definições sobre juventude, levando em consideração a necessidade de pontuar como os jovens vivenciam a questão da fé. Faz uma abordagem sobre a religiosidade juvenil, buscando elementos para compreender a diversidade que envolve o universo religioso contemporâneo, suas opções para praticar a fé, frente à singularidade presente em cada instituição religiosa, sua relevância ou repulsa pelos sujeitos juvenis. Finalizando com uma reflexão específica sobre a juventude católica. Observando ao final que a dimensão religiosa é vivenciada de forma significativa pela juventude contemporânea dentro de possibilidades diversificadas e plurais.

Palavras chave: juventude, religião, transcendente, busca.

O QUE É RELIGIÃO?

O objetivo desse texto é refletir sobre o fenômeno religioso na cultura juvenil contemporânea, buscando compreender a importância da religião para a juventude em sua busca pelo transcendente e quais motivos os têm levado a inserir em diferentes segmentos religiosos, grupos e movimentos de práticas tradicionais e/ou conservadoras e novas formas de expressão religiosa que existem atualmente.

Para a juventude contemporânea existem diversificados meios de expressar sua fé e/ou sua crença religiosa. A dimensão religiosa é um dos aspectos que influenciam no comportamento juvenil, portanto, compreender a importância da religião para a juventude é algo relevante e necessário.

¹ Terapeuta Ocupacional pela Universidade de Sorocaba, especialista em Juventude no Mundo contemporâneo pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude.

A palavra *RELIGIÃO*² deriva do termo latino "Re-Ligare", que significa "religação" com o divino. No entanto definir o que é religião não é algo simples, pois encontramos significados diferentes até mesmo no dicionário. A terminologia encontrada na Wikipedia³ define a religião como diferentes crenças e filosofias. Porém, é possível estabelecer características entre elas. Toda religião possui um sistema de crenças no sobrenatural, geralmente envolvendo divindades ou deuses. Segundo esta abordagem a religião não é apenas um fenômeno individual, mas também social.

Podemos dizer que a religião é uma experiência do cotidiano de todo crente, as pessoas se juntam para professar sua fé, se unem em movimentos através de rituais, cultos e celebrações. Há pessoas que vivem uma busca contínua por uma instituição religiosa que melhor corresponda as suas necessidades vitais, no entanto as ofertas são diversificadas, levando muitas pessoas a viverem um verdadeiro sincretismo⁴ religioso. Esse aspecto é comum entre a juventude que vive um período intensificado de buscas, sonhos, projetos e desafios em todas as dimensões de sua vida.

Frente ao fenômeno religioso da atualidade, vemos surgir constantemente diferentes igrejas e templos. Nesse sentido poderíamos recorrer ao que Durkheim afirma ao dizer: "é preciso definir o que se deve entender por religião; sem isso, nos exporíamos a chamar de religião um sistema de ideias e práticas que nada teria de religioso, seja a passar à margem dos fatos religiosos sem perceber a verdadeira natureza." (DURKHEIM, 1989, p.53).

Embora esta afirmação de Durkheim pertença ao século passado, acreditamos que ela se faz atual e pertinente para séc. XXI. Se olharmos para os diversos movimentos e rituais religiosos buscados pela juventude contemporânea, sem buscar compreender o que realmente isto significa para ela, corremos o risco de censurar o jeito irreverente e ousado de algumas práticas aderidas por ela.

² 1. Crença na existência de força ou forças sobrenaturais. 2. Manifestações de tal crença pela doutrina e ritual próprios. 3. devoção. Dicionário Mini Aurélio, 7ª edição, Editora Positivo, Curitiba, 2004. p. 695.

³ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Religi%C3%A3o> - Acesso em: 26 de jan. 2010.

⁴ 1. Fusão de elementos culturais diferentes, ou até antagônicos, em um só elemento, continuando perceptíveis alguns traços originários. 2. Reunião artificial de ideias ou de teses de origens dispartadas.

Para compreender o fenômeno religioso contemporâneo utilizamos a definição de religião defendida por DURKHEIM:

Uma religião é um sistema solidário de crenças seguitas e de práticas relativas a coisas sagradas, ou seja, separadas, proibidas; crenças e práticas que unem na mesma comunidade moral, chamada igreja, todos os que a ela aderem. O segundo elemento que aparece na nossa definição não é menos essencial que o primeiro; pois, mostrando que a ideia de religião é inseparável da ideia de igreja, faz pressentir que a religião deve ser coisa eminentemente coletiva. (DURKHEIM, 1989, p. 79)

Estas afirmações nos levam a dizer que a religião é antes de tudo a crença em Deus, em seres divinos, no sobrenatural, manifestada de forma grupal com ritos e práticas específicas, norteada de princípios, valores e normas que regem e confere sentido a vida seus adeptos.

Para a teóloga Wadna, a religião é um elemento cultural de difícil definição, que em resumo “trata-se de um sistema de crenças em seres sobrenaturais, que orienta o comportamento humano e articula práticas que viabilizam sua comunicação com a divindade, na tentativa de adquirir proteção e respostas para sua existência.” (SILVA, W., 2007, p. 37)

A antropologia e a história, nos contam que o ser humano foi capaz de perceber a magnitude do mundo ao seu redor, de entender como muitas coisas funcionavam no ambiente natural, de interferir neste e de ampliar constantemente seus conhecimentos, contudo, sempre inquietou-se ao buscar explicações para o sentido da vida. (ibid, p.38)

A necessidade de compreender os mistérios de sua existência levou o homem ao encontro com o sobrenatural. Frente aos desafios da vida o ser humano encontra na espiritualidade respostas para suas inquietações; a esta trajetória humana denominou-se como a busca pela transcendência.

O QUE SE ENTENDE POR TRANSCENDÊNCIA?

Segundo Silva, W., transcender é permitir-se conduzir por pensamentos, sentimentos, imaginações, e, ao ficar preenchido/a deles, viajar mentalmente para situações e lugares fascinantes. Ir além da matéria, por meio dela, para dar-lhe sentido.

Com essa dinâmica de transcender-se pela eficácia da imaginação, a princípio a humanidade concebeu como justificativa para sua existência a realidade sobrenatural. O sobrenatural é algo extraordinário que foge aos sentidos humanos, que possui características superiores às nossas, que escapa às leis naturais, enfim, faz parte de uma outra dimensão (SILVA, W., 2007, 40) .

A transcendência compreendida como uma dimensão do ser humano faz referência à força criadora do universo, que é denominada de forma diferente pelas religiões, culturas e grupos étnicos. Segundo esta autora, da experiência de imaginar e sentir a Entidade Criadora vem às nomeações: Javé, Tupã, Olodumaré, Deus, etc (ibid, 41).

Para Leonardo Boff, por sermos de natureza transcendente estamos sempre para além e protestando contra os limites impostos. Para ele, a transcendência esta ligada a realidade originária de nossa existência, por isso somos um nó de relação conosco mesmo, com os outros, com a sociedade, com a natureza, com o universo e com Deus. Esta abertura e essa capacidade ilimitada de relação expressam a realidade da transcendência (BOFF, 2009, p.11-14).

Estas colocações evidenciam a importância da religião para o ser humano, que está vinculada com todas as dimensões de sua vida.

Durante a juventude vai-se fazendo escolhas que podem diferenciar da religião e dos princípios vividos em família e isto gera instabilidade. A religiosidade juvenil deixa claro que o caminho não é linear, há possibilidade de mudança e novas experimentações. Na resistência ou na liberdade aderem a novas formas e chegam a criar expressões religiosas com características próprias, na forma de celebrar, de louvar e proclamar o Evangelho.

Há jovens que dentro de instituições tradicionais desafiam-se a viver um novo jeito de ser igreja, porém, nem sempre encontram abertura e vivem em constantes confrontos com suas lideranças religiosas. Percebe-se na igreja católica em alguns movimentos e associações uma volta a formas antigas e conservadoras de celebrar e praticar a fé, que atrai muitos adolescentes e jovens. A busca pelos iguais caracteriza os grupos juvenis também na vivencia religiosa.

Esta dinâmica relação entre juventude e religião revela a dimensão transcendental. A espiritualidade que move esses atos manifesta a fé em um ser superior, no qual supõe encontrar motivações e forças para superar limites e enfrentar desafios existenciais. Desse modo, a transcendência acontece através do

encontro consigo mesmo e com o outro no convívio religioso. Quando as expectativas não são correspondidas em um segmento à tendência é partir para outro. Por esses motivos pesquisadores afirmam que vivemos em uma sociedade diversificada e plural na forma de viver a religiosidade; de religiões tradicionais a novas expressões, vários são os estilos contemporâneos de vivenciar a fé.

A abertura ao pluralismo constitui um imperativo humano e religioso. Trata-se de uma das experiências mais enriquecedoras realizadas pela consciência humana: o reconhecimento do valor da diversidade como traço e riqueza da experiência humana. Reconhecer o pluralismo religioso significa desocultar o significado positivo das diversas tradições religiosas na globalidade do único desígnio salvador de Deus. (TEIXEIRA, 2003, p. 21)

Esse pensamento de Teixeira (2003) pontua que a diversidade religiosa deve ser reconhecida como um valor para sociedade atual. Desta forma poderíamos dizer que as iniciativas juvenis em torno da religião revelam um sentido de transcendência, na medida em que buscam meios de se relacionar com o sagrado e de expressá-lo com liberdade, através das lutas por reconhecimento de sua condição juvenil, pelas formas de expressão e pelos símbolos usados.

O espaço religioso também é lugar de experimentações, onde adolescentes e jovens buscam por identificação e aceitação. Por isso deve ser ambiente de acolhida que favoreça o encontro com o/a outra, a solidariedade, a partilha de saberes e a celebração da vida, com as características próprias dos sujeitos que estão nesta etapa da vida.

A participação juvenil no universo religioso através das celebrações, cultos, missas, acampamentos, jornadas, marchas, campanhas em prol da vida, da ecologia e da preservação do meio ambiente entre outros, demonstram a juventude em busca do transcendente, em meio às adversidades da sociedade contemporânea. A alegria e a festa, a criatividade e a crítica, a dúvida, a insegurança e o medo, são componentes dos sujeitos juvenis e precisam ser respeitadas e compreendidas também no âmbito religioso, pois, a transcendência é por si mesma um desafio constante ao ser humano.

SOBRE A DEFINIÇÃO DE JUVENTUDE

A socióloga Helena Abramo, ressalta que o tema juventude nunca esteve tão em pauta como agora. Cada disciplina das ciências humanas faz um tipo de recorte

e, dentro deles, vão surgindo diferentes teorias que enfatizam dimensões distintas do complexo *Juventude*. Pontua que no pensamento sociológico a juventude “nasce” na sociedade moderna ocidental no século XIX, como tempo de preparação (moratória social), para assumir a complexidade das tarefas de produção e a sofisticação das relações sociais trazidas pela sociedade industrial. Esta preparação devia então ser feita em instituição especializada; a escola (ABRAMO, 2005, p.41).

Porém, esse pensamento foi se modificando ao longo do tempo, pois esta conceituação não correspondia a toda categoria juvenil, mas apenas há uma pequena parcela privilegiada.

Mas é importante ressaltar que, em certa medida, a experiência dos jovens burgueses, que imprimiu o conteúdo da noção moderna de juventude, funciona até hoje como padrão ideal em torno do qual tem sido avaliadas possibilidades de outros setores sociais de aceder a esta condição, de “viver a juventude”, como se diz, e também a partir do qual se medem as abreviações, extensões e interrupções da etapa, assim como os desvios e negações de seu conteúdo. (ABRAMO, 2005, p. 43).

Se de um lado da história se encontra a juventude que é tema de frequentes debates e pesquisas, muitas vezes apontada como responsável pela desordem nacional por causa da violência, por outro lado, esta é a sociedade de onde emergem esses jovens. Portanto, para compreender um lado se faz necessário analisar também o outro.

Estudos sociológicos sobre a juventude mostram que para percebê-la é preciso olhar dentro de um contexto social, cultural, histórico e dinâmico em constantes transformações que influenciam diretamente e de forma significativa na vida e no comportamento dos jovens.

Segundo dados do *Conselho Nacional de Juventude de 2006*⁵ são considerados jovens no Brasil o cidadão ou cidadã com idade compreendida entre os 15 e os 29 anos. São considerados adolescentes-jovens (indivíduos com idade entre os 15 e 17 anos), os jovens-jovens (os que têm entre os 18 e 24 anos) e os jovens adultos (cidadãos e cidadãs que se encontram na faixa-etária dos 25 aos 29 anos).

⁵ Política Nacional de Juventude: Diretrizes e Perspectivas – Conselho Nacional de Juventude 2006, p. 5. Disponível em: <http://www.secretariageral.gov.br/Juventude/Cons/.arquivos/conjuve> - acessado em 29 maio 2011.

Esta subdivisão sugere que o perfil da juventude varia de acordo a faixa etária, pois apresentam demandas diferentes em cada período, assim como seu interesse vai tomando nova dimensão de acordo com a necessidade vital. Buscam se agrupar, formar ou participar de grupos, de acordo com suas afinidades e interesses; fazem suas escolhas a partir das experiências vividas.

Vivemos um momento em que a maioria das pessoas está ocupada com seus trabalhos, seus estudos, preocupada em acompanhar as mudanças rápidas nos diversos setores da sociedade e em estar atualizada diante de tantas informações e novidades. Nesse contexto, conforme a autora, nem todas as pessoas conseguem se encontrar de fato com outras pessoas. A autora ressalta ainda a importância do encontro nas relações interpessoais, encontro que valoriza e acolhe o outro, sem julgamentos, assim como ele é. (MARCELINO, 2010).

Por esse motivo entendemos que a sociabilidade juvenil é caracterizada no grupo, através do encontro com os pares no qual acontece a troca, a solidariedade e a cumplicidade. Em muitos casos, essa sociabilidade leva a socialização nos grupos juvenis religiosos.

Knobel (1983) define dez características da adolescência que ajudam compreender o aspecto religioso na cultura juvenil contemporânea. A primeira característica é a busca da identidade de si mesmo; em seguida vem a da tendência grupal, a necessidade de imaginação ativamente e de recorrer constantemente ao mecanismo de intelectualização. Ocupa o terceiro lugar, o que seria uma forma específica do processo de pensamento nessa idade; em quarto vem as crises religiosas nas quais se podem observar indivíduos que passam do ateísmo mais absoluto ao misticismo religioso mais severo;

“5º- deslocamento temporal com episódios de franca atemporalidade; 6º uma evolução sexual do auto-erotismo para a genitalidade heterossexual; 7º- uma atitude social reivindicatória; 8º- contradições sucessivas em todos os aspectos da conduta, que por sua vez estão guiados por uma tendência à ação, a qual costuma substituir formas mais evolutivas de pensamento; 9º- uma luta constante por uma separação progressiva dos pais; 10º- flutuações de humor e de estado de ânimo.” (KNOBEL, 1983, p. 112)

Assim podemos afirmar que a juventude cria e recria meios para “aparecer” na sociedade, formas de se manifestar através da arte, da dança, da religiosidade, da cultura que é própria dessa categoria, ainda que bem diversificada. O estilo que

encontram nem sempre agradam a família e a sociedade, principalmente aqueles grupos que tem um estilo mais diferenciado, que foge dos padrões da normatividade social, da pela cultura da beleza e da estética do mundo globalizado.

Punks, Skinheads, Rappers, White Powers, Clubbers, Grunges, Góticos, Drag Queens. São apenas alguns grupos juvenis, chamados pelos sociólogos de “tribos urbanas”, encontrados diariamente nos grandes centros. [...] A violência, a apatia, desleixo, a festa e a anarquia são as formas de contestação do mundo pós-moderno, dizem os sociólogos. (SCHIO, 1995)

Schio (2005) diz acreditar que a destruição da identidade pessoal causada pela sociedade moderna e seus aparatos, não é o fim da juventude, por crer que há na alma do jovem, a capacidade de resistir e contestar, mesmo que para isso esteja à margem da norma, na “contra mão da sociedade”. Para esse autor, e a variedade de estilos não é o mais importante, desde que acima de tudo esteja à vida e a construção ou re-construção da pessoa.

Para Silva (2006) são poucos os que defendem que a juventude seja uma fase em que se tem consentimento para viver com mais intensidade os questionamentos, discernimentos, entendimentos, sonhos. Segundo o autor, as conceituações são carregadas de valores e características da categoria que a define. Está no centro o que cada uma quer garantir que a juventude seja. Ressalta que para conceituar sociologicamente a juventude é preciso entendê-la dentro do contexto no qual estão inseridos. “É preciso considerar que nem todos passam pelas mesmas experimentações da realidade.” (SILVA, L., 2006, p.16).

As consequências da pós-modernidade influenciaram e modificaram a qualidade de vida de um modo geral. Na juventude, essas mudanças são perceptíveis em todas as dimensões e classes sociais. Os menos favorecidos pelo sistema capitalista sofrem particularmente com o desemprego, a violência, a precariedade do ensino e da saúde. O termo “juventudes” usado no plural designa a diversidade no jeito de viver essa etapa.

Já se tornou corrente o uso do termo *juventudes*, no plural, para reconhecer diferenças e desigualdades que marcam a experiência social dos jovens, com relação a gênero, cor de pele/etnia, classe social, orientação sexual, escolaridade, local de moradia (campo/cidade/centro/periferia), situação familiar, inserção no mundo do trabalho, diferenças de gostos e estilos, adesão a grupos culturais, políticos. Também em relação à religião os jovens se diferenciam. (RODRIGUES, 2007, p.64)

A pós-modernidade trouxe os avanços tecnológicos e a era da informática. Os meios de comunicação nos permitem estar em contato com várias pessoas ao mesmo tempo e em lugares distintos. Entretanto, nunca se sofreu tanto por depressão como agora. O medo e a insegurança permeiam a vida humana em todas as idades e classes sociais.

A juventude convive com o medo de morrer, o medo sobrar e o medo de estar desconectado. Esses medos não estão relacionados apenas aos próprios jovens, mas dizem respeito também às pessoas que lhe são próximas e queridas, como os pais, amigos e companheiros/as.

Esses medos traduzem sentimentos de insegurança e precisam ser considerados quando se pensa em religião como lugar de agregação social como fonte de sentido para a vida. Afirma que as religiões oferecem espaços de convivência e de construção de laços de amizade e afetividade importantes para sociabilidade juvenil. (NOVAES, 2010, p.11)

Na busca de entender um pouco mais esses elementos da religião em meio aos jovens de hoje no tópico seguinte iremos abordar aspectos que envolvem a dinâmica relação entre a juventude e a religião. Compreendendo que estamos tratando de dois campos diversos e complexos, apresentaremos uma explanação geral sobre a religiosidade juvenil contemporânea seguida de um referencial pontual da juventude católica, uma vez que seria impossível abordar todas as denominações presentes nessa área de circulação e vivência da juventude.

RELIGIOSIDADE JUVENIL NA SOCIEDADE ATUAL

Para tratar sobre juventude e religião no Brasil é preciso considerar as diferenças regionais e sociais. Onde existe uma expressão religiosa presente, há outros valores embutidos, o universo religioso é amplo e complexo. Cada igreja traz características que a distingue em seus ritos, valores, normas e conceitos. Da mesma forma, o fiel traz consigo questões particulares de ordem familiar, social, cultural e étnica que direcionam sua vida.

O jovem contemporâneo tem maior abertura para novidade, é mais crítico e livre, questiona as posições religiosas que lhe são impostas e não permanece naquelas que não correspondem a suas expectativas e necessidades.

Toda a experiência geracional é inédita. Apreender sua singularidade demanda e explicitação dos termos de comparação: conservadora ou progressista, individualista ou solidária, alienada ou crítica em relação a que ou a quem? A rigor o tema juventude é fértil para questionar modelos pré-constituídos e paradigmas naturalizados. (NOVAES, 2005, p. 264)

Novaes (2005) afirma que a religião pode ser vista como um dos aspectos que compõe a diversidade da juventude brasileira. Constatação feita na pesquisa “Perfil da Juventude brasileira”, que ouviu um total de 3.501 jovens na faixa etária entre 15 e 24 anos, de diversas localidades do país. Esses dados foram divulgados no início de 2004 e mostram a religião como uma das áreas de interesse da juventude. O resultado da pesquisa chama atenção para o significativo número de jovens que declaram participar de “grupos da Igreja”.

A participação juvenil em diversificados grupos tanto da Igreja Católica como evangélicas e outras expressões diferenciadas presentes na atualidade, revela que o jovem contemporâneo se importa com a religião, mas, não se prende de imediato a uma instituição. Busca novas fontes de imaginação e expressão de sua religiosidade. Na Igreja Católica, os jovens, ao reclamar o seu espaço, solicitam valorização de sua condição juvenil.

A socióloga Rodrigues apresenta dados da pesquisa ⁶*Juventude Brasileira e Democracia*, realizada em 2004 com 8 mil jovens em 8 regiões metropolitanas brasileiras, no que diz respeito ao perfil religioso:

54,9% se identificaram como católicos; 21,4% como evangélicos; 2,8% como espíritas e outras opções (religiões orientais, afro-brasileiras, judaica) tiveram percentuais de 1%. Apenas 2% dos jovens declaram que não acreditam em Deus, e 14,3% disseram que creem em Deus, mas não tem religião. (RODRIGUES, 2007, p.66)

Alguns pesquisadores da juventude, utilizando de pesquisas realizadas no Brasil desde o censo de 2000, que já declarava a diminuição quantitativa de católicos no país, constata agora algo mais instigante e desafiante para lideranças das religiões majoritárias que é o pluralismo religioso contemporâneo. Tão plural quanto diverso. Um fenômeno que envolve e atrai diretamente a população juvenil.

⁶Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas. Rio de Janeiro: Ibase/Polis, 2005. Disponível em: http://www.ibase.br/pubibase/media/ibase_relatorio_juventude.pdf - acessado em 13 maio de 2011.

De acordo com Rodrigues (2007), as pesquisas atuais sobre religião não apresentam grandes diferenças estatísticas. A novidade está na maior proporção dos que se declaram sem religião. A autora ressalta que isso não significa o crescimento do ateísmo entre os jovens, porque eles têm crença e buscam alguma forma de aproximação com o sagrado. Chama atenção para as novas alternativas que os jovens encontram pra viver a religião.

A busca de respostas para suas dúvidas e angustia existenciais, a abertura ao novo, a extrema curiosidade, a liberdade frente a exigências incompreensíveis, a crítica aguçada quando percebem nos líderes religiosos atitudes consideradas inadequadas, tudo isso pode explicar uma adesão mais fluida, aos vínculos tênues que uma parcela da juventude mantém com as instituições religiosas. É frequente encontrarmos jovens que em um curto período passaram por diversas experiências religiosas e que se definem como “buscadores” do sagrado. (RODRIGUES, 2007, p.69)

Os valores apresentados pela sociedade contemporânea levam muitos jovens a questionarem cada vez mais as normas impostas pelas instituições tradicionais (família, escola, igreja, estado), mas, isso não é sinal de rejeição, apatia ou desvalorização das mesmas. Revela que algo precisa ser mudado e direciona o olhar que transcende o senso comum, que classifica a população juvenil de irresponsável, inconstante; e vários adjetivos que generalizam a juventude e não corresponde a forma de ser e agir de toda esta população. É preciso considerar o que os jovens pensam, sentem e dizem do mundo atual.

A atual geração nasceu inserida dentro da cultura da informação, da técnica, do avanço das diversas mídias, e portanto sofre influência assídua dos mesmos, esse é outro elemento a ser levado em conta ao abordar a temática da experiência do sagrado no universo juvenil. Frutos da (pós) modernidade, os/as jovens nascem com a possibilidade da escolha, inclusive podem optar livremente, e, sobretudo, independente, das escolhas de seus pais. Inclusive no campo da religião. (GOES, 2010, p. 7)

Tratar de juventude contemporânea e religião é uma temática que demanda rompimento com conceitos e pré-conceitos, porque o jovem está inserido na sociedade com tudo o que ela traz (violência, desemprego, drogas, sexo, conflitos familiares, novas configurações de família, etc).

A juventude é uma fase da vida repleta de sonhos, lutas, conquistas, desafios, esperanças, angústias e buscas. Todo esse dinamismo impulsiona a população

juvenil a buscar meios para sua realização pessoal, cria sujeitos pensantes e criativos. Entretanto, também gera medo e insegurança. Muitos vivem à margem da sociedade por sua condição social, gênero/etnia ou orientação sexual. A dimensão religiosa não pode ser vista e analisada separada do contexto social consumista, capitalista, neoliberal e globalizado que vivemos.

Nesse contexto encontramos novos modelos de igreja: a Bola de Neve é um exemplo de religião vivenciada na atualidade pela juventude. A Bola de Neve é muito frequentada por adolescentes e jovens de diferentes estilos. Eles usam piercings, alargadores de orelhas, tatuagens, camisetas, bermudas e curtem músicas gospel.

Numa noite de domingo, no templo Bola de Neve Church do Rio de Janeiro, o que se vê são fiéis vestindo bermudas e camisetas com estampas de surfe. Boa parte exhibe tatuagens como as de Fernanda. [...] A diaconisa Julia Braz, de 18 anos, sobe ao palco de cabelo escovado e roupa fashion. Põe a Bíblia sobre uma prancha de surfe no púlpito e anuncia: “O evangelismo tá bombando! Amém. (FERNANDES, 2009, p. 64)

Fernandes (2009) afirma que essa liberdade é sentida pelos jovens na igreja escolhida, por não julgá-los pela aparência e forma de vestir. O mesmo acontece na “Igreja Cristã Contemporânea”, reduto dos travestis, que querem ser evangélicos, mas não encontram espaço em outras igrejas por serem homossexuais. Para ilustrar esse aspecto vejamos o que diz um dos pastores da igreja: “O amor de Deus é para todos, sem discriminação”, diz o pastor Gladstone. Na Igreja Cristã Contemporânea, 80% dos fiéis têm menos de 30 anos.

A adesão aos dois modelos citados acima sugere que adolescentes e jovens encontram nestas igrejas uma forma “inovada e jovial” de praticar a religião, mantendo seus adereços e o figurino “*teen*” identificado nos adeptos destas igrejas, assim como a orientação sexual. Desse modo rompem com valores e normas de religiões tradicionais, que para aceitá-los tranquilamente, orienta a mudanças de comportamentos considerados errados ou desviantes.

Hilário Dick, citado por Rabelo (2006), complementa que, além do pluralismo de interesse, uma parcela da juventude têm se mostrado favorável à adesão das religiões minoritárias. Refere que alguns aderem as Religiões Minoritárias (Islamismo, Candomblé, Bruxaria, União dos Vegetais, etc), por não gostarem de qualquer tipo de opressão, principalmente contra as minorias. Por isso a sua atração por estas religiões. Defende que o fato de algumas expressões religiosas serem

novas ou não muito conhecidas gera curiosidade em conhecê-las e, talvez, em aderir a elas. “Faz parte da teologia da descoberta”.

Rabelo (2006) apresentando de forma sintetizada dados da pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”, citada anteriormente, refere que em relação a religião os jovens se distribuem de modo semelhante à população brasileira em geral: a maioria se identifica como católicos 65%; 22% como evangélico-protestantes e 3% como espíritas sendo 2% kardecistas e 1% umbandistas e candomblecistas. As demais religiões (orientais, judaísmo, islamismo, etc) não reúnem mais do que 2% dos jovens brasileiros.

De acordo com perfil religioso do jovem brasileiro apontado em pesquisas e estudos sobre juventude e religião é possível afirmar que boa parte da juventude não se acomoda em relação à religião, encontra meios onde possa manifestar e viver a fé da forma como pensam ser a melhor, senão a melhor pelo menos, aquela onde se sinta bem da forma como é. A atitude eclética é característica de alguns adolescentes e jovens contemporâneos. De um lado modelos flexíveis e inovadores, de outro há um resgate a formas conservadoras e tradicionais.

Cada vez mais se pode observar a adesão de jovens a sistemas ou movimentos religiosos que exigem uma rígida observância de regras comportamentais; alguns inclusive escolhem viver radicalmente os princípios da fé em comunidades constituídas em torno de uma identidade religiosa, como Santo Daime, no Hare Krishna, na Toca de Assis. (RODRIGUES, 2007, p.69)

Outro grupo que desperta a atenção é o dos sem religião. A pesquisa realizada pelo Ibase (*Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas*), em parceria com Polis (*Políticas Sociais*)⁷ em 2008, mostrou a tendência da diminuição da transferência religiosa intergeracional do catolicismo e o crescimento dos *sem religião*. “No Brasil, 14% dos jovens declaram não ter religião, contra 7% dos adultos.” Esse aspecto é apontado como a dimensão que mais cresce entre a juventude brasileira.

Para Novaes (2010), na medida que aumentam as chances de escolha pessoal, os jovens brasileiros procuram sentido para suas vidas dentro, fora ou à margem das religiões instituídas.

⁷ Disponível em : <http://www.ibase.br/modules.php?name=Conteudo&file=index&pa=showpage&pid=2670> – acesso em 13 maio 2011.

Os desafios da sociedade contemporânea colocam os jovens em constantes movimentos. A construção de valores e sentidos entra nessa dinâmica na medida em que as pessoas se relacionam com o mundo a sua volta. Nesse aspecto, a religiosidade como dimensão transcendental do ser humano contribui de forma significativa na formação de sujeitos conscientes e críticos diante da vida.

Movimentos juvenis ligados à religião mostram a sociedade, embora com desafios, que é possível cooperar para construção de uma sociedade melhor, a partir do compromisso e do engajamento em ações que visem melhores condições de vida, pois, a busca pelo transcendente sugere a valorização da vida.

Nas classes populares e nas periferias os jovens ganham visibilidade através da arte, da dança, da música e da religião. Nesse sentido vale abordar a questão uma parcela juvenil específica: a dos jovens negros, adeptos a religiões afro-descendentes que em algumas regiões do país ainda encontram sérios desafios para viver e expressar publicamente sua crença por causa do preconceito, como cita Rabelo (2006), em estudo realizado sobre a juventude e as religiões minoritárias em Salvador-BA, ao explanar a problemática da juventude adepta do Candomblé, religião desenvolvida no Brasil a partir do conhecimento dos sacerdotes africanos que foram escravizados e trazidos da África.

O preconceito contra o Candomblé ainda é comum no estado, apesar da religião ter sido oficialmente liberada desde 1974, quando o governador Roberto Santos assinou um decreto libertando os cultos do estigma de “caso de polícia”. O medo de assumir a religião é visível até nos mais novos, como Micaela Felix, 14, que prefere não assumir que é do Candomblé na escola, com medo de sofrer discriminações. “Não gosto de dar entrevistas e nem ficar falando que sou do terreiro. Minhas colegas podem ler o jornal e me gozarem no colégio”, confessa a garota. Os adeptos se sentem ofendidos principalmente pelos evangélicos, que associam a religião às práticas satânicas ligadas ao demônio. (RABELO, 2006, p. 11)

A busca pelo transcendente nesse caso é desafiada pelo preconceito religioso e social. No início da história religiosa do Brasil não era permitido professar outra fé que não fosse a católica. Todavia, os descendentes africanos encontraram formas alternativas de manterem vivas suas tradições religiosas. Hoje, a juventude convive com a possibilidade de fazer experimentações diferenciadas, contudo ainda há desafios a enfrentar frente à diversidade e a pluralidade religiosa.

Nos dizeres de Consorte (2003), o respeito à diversidade é uma reivindicação recente que não tem sido uma conquista fácil, embora venha se expandindo no sentido de abranger um número cada vez maior de oprimidos. A autora destaca que a luta pelo reconhecimento não se limita a questões raciais e étnicas, se estende para diferenças de gênero, opção sexual, religiosas. “Os prejuízos advindos do desrespeito à diversidade são difíceis de avaliar, na medida em que a negação do ‘outro’ equivale a uma repressão sem limites à sua capacidade de criação e expressão.” (CONSORTE, 2003, p.11)

Partindo do paradigma da juventude cidadã, como sujeito de direitos que caminham para autonomia, na questão sobre a religiosidade, percebe-se que em vários grupos de igrejas e denominações diferentes o/a jovem mostra-se agente da transformação que deseja. É preciso valorizar suas iniciativas positivas, permitindo-lhes o direito a autonomia e ao protagonismo. Com companheirismo e comprometimento utopias podem tornar-se reais.

JUVENTUDE CATÓLICA

O demógrafo René Decol (2001 citado por Novaes, 2005, p. 268), relata: “à medida que os grupos populacionais se sucedem no tempo, menos adultos em idade de reprodução se declaram católicos, isso resulta em um número cada vez menor de crianças recebendo esta influência religiosa”. A tendência, segundo Novaes (2005), portanto, é o declive de forma acentuada da porcentagem de católicos.

Dados estatísticos confirmam que a Igreja Católica continua perdendo gradativamente fiéis para outras denominações religiosas. No que diz respeito à juventude, geralmente a não permanência é atribuída à falta de responsabilidade e descompromisso dos adolescentes e jovens. Porém, a que se perguntar: o que está sendo oferecido considera as necessidades vitais que esses apresentam e os desafios que enfrentam para ser jovem hoje? De que forma é estabelecido o diálogo e as relações intergeracionais entre a Igreja e a juventude?

Para se chegar a respostas coerentes e pertinentes sobre esse assunto é necessário considerar que se trata de situações concretas e distintas, inseridas em um mesmo contexto social, pós-moderno consumista e globalizado. Se de um lado

temos a Igreja com suas práticas e normas tradicionais, de outro temos o fenômeno da juventude contemporânea.

A evasão juvenil é um fato real que tem preocupado lideranças de diversos segmentos juvenis e movimentos eclesiais. Por conta disso, o/a “jovem” é, varias vezes, apontado como pessoa volúvel, com dificuldades de assumir compromissos duradouros. Esse discurso vai além da igreja; está presente na família, na escola, na sociedade e no estado.

Tratando de uma religião majoritária, tradicional e milenar, é conveniente buscar na história sinais de como era estabelecido o diálogo entre a Igreja e seus fiéis, para melhor compreender a realidade atual.

Palácio (2007) afirma que o encontro da Igreja com o mundo pós-moderno no Concílio Vaticano II, foi uma passagem do anátema (reprovação e excomunhão) para o diálogo, que significou a descoberta e o confronto com um *horizonte de compreensão*, do mundo, do ser humano e da história, radicalmente diferente daquele no qual era vivida e expressada a fé desde as origens. Segundo Palácio, uma das características da modernidade é a afirmação do ser humano como centro absoluto de compreensão e de criação de sentido.

Essas considerações de Palácio evidenciam que a forma de relação da Igreja com seus fiéis era unilateral. Desse modo, as consequências do pós Concílio Vaticano II, geraram uma crise de identidade na Igreja, percebida anos mais tarde.

Diferença radical com relação à orientação teocêntrica⁸ do horizonte pré-moderno, no qual se tinha expressado sempre a fé cristã. Mas esse antropocentrismo⁹ radical, essa distância profunda com relação a fé, só veio a manifestar todas as consequências concretas na vida de cada dia com a profunda mutação de mentalidade e valores que se vez mais visível a partir dos anos 75 do século passado (PALÁCIO, 2007, p. 23-24).

Embora Palácio (2007), se refira especificamente a Vida Religiosa Consagrada, demais setores da Igreja vivenciaram períodos de desarticulação nesta fase histórica da Igreja, por causa das tensões inevitáveis da junção de horizontes contrários de sentido. Essa divergência deixou marcas significativas no interior da Igreja e na transmissão da tradição católica. Paralelo a esse contexto caminha a

⁸ Teoria segundo a qual Deus é o centro do universo tudo foi criado por Ele e por Ele é dirigido.

⁹ É uma concepção que considera que a humanidade deve permanecer no centro do entendimento dos humanos, isto é, o universo deve ser avaliado de acordo com a sua relação com o Homem.

humanidade, num mundo em constantes mudanças e inovações sociais, científicas e tecnológicas. Frente a tantas mudanças o comportamento jamais seria o mesmo.

Jovens e adultos tem perspectivas diferentes diante da vida. O desafio das relações intergeracionais dentro da Igreja e fora dela, parece estar relacionado à dificuldade de dialogar com as novas gerações, contrapondo ao saudosismo dos mais velhos em relação a épocas passadas. Porém, vale salientar que ambas possuem valores e limites e tem muito a contribuir e aprender uma com a outra.

Olhando o panorama da participação juvenil nos segmentos religiosos católicos é possível constatar que há uma expressiva participação e comprometimento nos grupos de filiação. Referimo-nos aos grupos da Pastoral da Juventude (PJ), que em diversas regiões do país desenvolvem inúmeras ações em favor da vida e denunciam injustiças sociais cometidas contra a juventude.

Através de uma capacidade peculiar de celebrar a vida, as formas de expressão e manifestação juvenil na PJ, mostram ao país que jovens das camadas populares têm valor e não são alienados ao que acontece a sua volta. O engajamento em grupos específicos confere identidade aos seus membros, favorece a transcendência e, ao mesmo tempo, contribui para superação dos próprios limites e dá sentido a vida pessoal.

É preciso garantir aos jovens o direito de escolha, oferecer-lhes recursos e formação de qualidade, capaz de conferir-lhes dignidade e autonomia, para assumirem os desafios desta época. Portanto, cabe aos adultos (pais, catequistas, assessores, acompanhantes, etc.) a missão de acompanhar, animar, incentivar, orientar e amparar os adolescentes e jovens em sua trajetória, para que não desanimem nem percam a esperança frente à hostilidade e inseguranças presentes na sociedade atual.

CONCLUSÃO

Tratar sobre juventude e religião é uma temática que demanda rompimento com conceitos e pré-conceitos, porque o jovem está inserido na sociedade com tudo o que ela traz (violência, desemprego, sexo, conflitos com a família, escola, sociedade, etc.). E não é possível falar de religiosidade sem levar em consideração os demais campos que envolvem a vida e o desenvolvimento juvenil.

O jovem contemporâneo se importa com a religião. Contudo, alguns não se prendem particularmente a uma instituição; buscam novas fontes de imaginação e de expressão de sua religiosidade. Observa-se então que as novas formas de expressar a fé através da religião estão sempre ganhando novos adeptos.

Os valores e contra-valores apresentados pela sociedade contemporânea levam os jovens a questionarem as normas impostas pelas instituições tradicionais. Isso não significa que eles as rejeitam, mas mostram antes à sociedade a necessidade de mudança e diálogo, denunciam práticas que desumanizam e ferem a dignidade juvenil por não considerar suas necessidades vitais.

Rica de expressão, a religiosidade juvenil contemporânea em sua busca pelo transcendente revela a possibilidade da construção de uma sociedade mais justa, menos hierárquica e solidaria. Há que levar em consideração as particularidades juvenis sociais, religiosas, culturais, étnica e racial, de modo a estabelecer um diálogo pertinente e coerente entre jovens e adultos e, através dos princípios religiosos, gerar autonomia e transcendência aos valores da justiça e da paz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABRAMO, Helena. *Condição juvenil no Brasil contemporâneo*. In.: Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 37- 70.

BOFF, Leonardo. *Tempo de transcendência, o ser humano como projeto infinito*. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 2009, p. 12.

CONSORTE, Josildeth Gomes. *Diversidade humana: fonte de riqueza ou ameaça?* Diálogo – Revista de Ensino Religioso nº31– Agosto/2003, p.8-11.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. 2ª edição. São Paulo: Paulus, 1989, p. 53-79.

FERNANDES, Nelito. *Deus é pop*. In.: Sociedade Religião, Revista Época, 15 de junho de 2009, p. 64-71.

FRONTAL, Ana Maria. *A reinstalação do si-mesmo: uma compreensão fenomenológica da adolescência à luz da teoria do amadurecimento de Winnicott*. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 58, n. 2, 2006.

GÓES, Helizangela Silva. *Juventude: Experiências do Sagrado em Tempos de Pós Modernidade*. Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação “Juventude no Mundo Contemporâneo”, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude. Goiânia, 2010, p. 7.

KNOBEL, Mauricio. *A adolescência e o tratamento psicanalítico de adolescentes*. In.: ABERASTURY, Arminda et. Cols. Adolescência. Trad. Ruth Cabral. 2. Edição, Porto Alegre: Artes Médicas, 1983, p. 111-112.

MARCELINO, Elaine Regina. *Missão e alteridade: á luz do evangelho de João 4,4-30*. Trabalho de conclusão de Curso de Ciências da Religião, Faculdades Integradas Claretianas - Unidade de São Paulo. São Paulo, 2010, p.41.

NOVAES, Regina. *Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença*. In.: Retratos da Juventude Brasileira, Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 263-290.

_____. *Juventudes e religiões: diversidade e novas possibilidades*. In.: Juventude Antropológico. Diálogo – Revista de Ensino Religioso nº59, Agosto/Setembro 2010, São Paulo: Paulinas, p.8-13.

PALÁCIO, Carlos. Vida Religiosa Consagrada: memória e perspectivas. In.: Vida Religiosa e Novas Gerações, memória, poder e utopia. Aparecida: Editora Santuário, 2007. p. 23-24.

RABELO, Carina. *A Juventude e as Religiões Minoritárias*. Caderno Especial. Salvador: Universidade Federal da Bahia, novembro/2006. Trabalho de conclusão de Curso de Jornalismo.

RODRIGUES, Solange dos Santos. *Nova Trindade: busca, fé e questionamentos*. In.: Revista *Sociologia Ciência e Vida*, número especial sobre juventude, organizado por Patrícia Lânes, Edição especial número 2, São Paulo: Editora Escala Ltda, 2007, p.64-73.

SCHIO, Adilson – Grupo de jovens. As tribos urbanas. Disponível em: http://www.mundojovem.pucrs.br/subsidios-grupo_jovens-03.php. Acesso em 14 jan. de 2010.

SILVA, Lourival Rodrigues. *Definições de Juventude*. In. Juventude, Religião, a Utopia da “Civilização do Amor” – Um estudo sobre as pastorais da juventude, Dissertação de Mestrado – UCG. Goiânia, 2006, p.14.

SILVA, Wadna Audiane Salles. *A Religião*. In.: Religião e Sociedade Contemporânea: uma análise da religião no mundo atual. Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Desporto e Lazer. Aparecida do Taboado/MS, 2007, p.33-56.

TEIXEIRA, Faustino. *O pluralismo religioso de princípio*. Diálogo – Revista de Ensino Religioso nº31 – Agosto/2003, p. 18-22.